



Nostalgia praiana

No último fim-de-semana vi na praia uma pequena carreta puxada por bodes. Era uma carretinha elegante, com rodas de bicicleta, cromadas, e destinava-se a servir de cenário para um fotógrafo. Uma sofisticação dos antigos veículos praianos, no qual passeavam as crianças que hoje são profissionais liberais, comerciantes ou políticos. Não sei a quem ocorreu a idéia de fazer do bode um animal de tração; era uma coisa que tinha tudo para — perdão! — dar bode, mas que no nosso litoral sempre funcionou. Longos passeios pelas ruas calçadas com conchas trituradas (o saibro de então) eram a distração infantil daquele tempo.

Os tempos são outros, como o mostra este projeto de cinquenta edifícios na orla de Capão da Canoa, algo que vai tornar aquela praia semelhante a Camboriú (para quê?). Veraneava-se em hotéis de madeira, cuja sineta condicionava a rotina dos veranistas: de manhã ela chamava para o café, ao qual se seguia o banho da manhã; às onze e trinta para o almoço, digerido numa sesta e seguido por um café da tarde, após o qual vinha o banho. Às

seis e meia, a sineta de novo: jantar. E então, nos salões, os jogos de cartas (ninguém se preocupava em saber se eram legais ou não) ou, o que era o máximo da animação, um baile. Às onze da noite o único gerador da praia era desligado, mas já então, nos quartos que ficavam em chalés de madeira, as pessoas estavam há muito tempo dormindo, e sonhando os estranhos sonhos que lhes trazia a brisa marinha.

O veraneio durava pouco; raros eram os que podiam pagar um mês de hotel. Mesmo assim um sentido de solidariedade se estabelecia entre os veranistas, que compartilhavam os mesmos simples prazeres e enfrentavam as mesmas dificuldades. Uma criança ficava doente: todos se mobilizavam. Uma outra criança aniversariava: todos estavam convidados. E, antes que se encerrasse fevereiro, pelo menos uma foto era tirada, os hóspedes reunidos à frente do Hotel Bassani (ou Rio-grandense, ou Atlântico, ou Bela Vista). Nos ônibus da empresa Jaeger voltava-se a Porto Alegre. Para trás ficavam as carretas de bode. Hoje elas não existem senão na lembrança. Mas é uma lembrança que, a trote manso, nos leva para o passado.

Dário de bordo

□ Chegou o filme do verão: *Thelma e Louise*, de Ridley Scott. Esta movimentada história de duas mulheres (Geena Davis e Susan Sarandon), que saem de casa para se livrar um pouco de seus homens e acabam se envolvendo numa aventura policial que levará à tragédia, tem todos os ingredientes para atrair o público que não vai a praia: ação, humor, emoção. Mas tem também muitos lugares-comuns. Ridley Scott, que se mostrou muito criativo em *Blade Runner*, recorre aqui a todos os truques que o cinema americano veio acumulando nos últimos anos. Está ali o fascínio pela arma de fogo, as paisagens de dramática beleza, as correrias de automóveis, os policiais babacas (ou cruéis), o helicóptero que, saindo de um precipício, emerge de repente na frente das fugitivas, como um ameaçador monstro alado. Quando um vilão que dirige um

caminhão-tanque irrita as heroínas, já se sabe que ele está condenado a uma explosão espetacular. Mas o filme acaba se transformando numa elegia ao lugar-comum, pois é o arguto uso deste que permite o desenvolvimento de uma história que prende nossa atenção a cada segundo e funciona como um antídoto para a crise que vivemos. Uma última observação: chama a atenção o fato de que as heroínas passam o tempo todo fumando e bebendo — como se isto fosse um sinal de emancipação feminina (um erro que muitas mulheres cometem). Co-

mo sanitaria, isto me desgosta e alarma. Mais que isso, fico suspeitando de certo "merchandising" aí. Não é impossível, considerando a crise do cinema e o esforço que faz a indústria do tabaco para se manter.

□ Falando em suspeita, leitor escreveu uma carta a ZH na semana passada, levantando a suspeita de que as balanças de farmácia sejam adulteradas; afinal, diz ele, não seria surpreendente, em lugares que vendem tantos produtos para emagrecer. Não sei se o maquiavelismo

chega a tanto — e de qualquer modo seria fácil evitar este erro: bastaria que a pessoa se pesasse sempre numa mesma, e confiável, balança. A verdade, porém, é que temos obsessão por este instrumento, particularmente no verão. Nosso sonho seria aquela sentença que o Daniel bíblico leu para o rei: "Foste pesado na balança e encontrado muito leve". Dieta é coisa muito séria. Na mesma ZH havia a notícia de que um serviço de orientação dietética oferecia atendimento de urgência. Não posso imaginar em que situações tal seja necessário, a não ser aquela incrível tentação diante de um espetacular sorvete: "Rápido! Afastem de mim esse sorvete!". No *Dom Quixote* há uma alternativa melhor: um homem que, com uma varinha mágica, faz desaparecer todos os pratos colocados na frente do guloso Sancho Pança.

□ Escritor Esdras do Nascimento esteve em Porto Alegre, mas não conseguiu falar com quase ninguém. Seu comentário: "Pelo jeito, aqui até os prédios iriam para a praia, se pudessem se deslocar".